



HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS

“ÍNDIO” NA VISÃO DE QUEM?

Antes de iniciarmos o estudo sobre os povos indígenas do Brasil, a primeira coisa que devemos ter bem clara é que o termo “índio” não é apropriado para descrever a grande variedade de povos nativos que habitavam o território que futuramente se tornaria o Brasil. Já a palavra indígena tem o mesmo sentido de “nativo”, ou seja, originário de um determinado território. Por vezes, eles também são chamados de “ameríndios”, no sentido de indígenas do continente americano.



A origem da palavra “índio” como aplicada aos indígenas vem do fato de que os europeus que os avistaram pela primeira vez, pensaram que eles fossem da Índia, pois a expedição de Pedro Álvares Cabral estava se dirigindo ao subcontinente indiano. Portanto, desde o primeiro contato dos europeus com os nativos do continente americano, o “etnocentrismo” esteve presente. Um detalhe interessante é que os “Tupis” chamavam os outros povos não-tupis de “Tapuias”. Portanto, não faz sentido chamar todos eles de índios como se fossem uma coisa só.



Uma forma de dividir e classificar os povos indígenas é através dos troncos linguísticos aos quais eles pertencem. Neste sentido, existiam dois grandes troncos: tupi-guarani e jê. Mas o número de povos em si era bem maior e, segundo o antropólogo Curt Nimuendaju existiam 1.400 deles na época do “achamento”.



O INDÍGENA E A VISÃO DO OUTRO

Desde o primeiro contato com o europeu, o indígena era visto sob duas óticas distintas: ou de forma positiva, porém idealizada, ou como um ser bestial. Ambas bem longe da verdade. O primeiro contato registrado, que foi aquele da expedição de Cabral onde esteve presente Pero Vaz de Caminha, registra o primeiro encontro dos portugueses com os povos indígenas na costa brasileira.



Nas palavras de Caminha, os indígenas eram pessoas belas e inocentes, que poderiam se tornar bons cristãos. Contudo, após mais alguns contatos e novas expedições, alguns europeus passaram a ter uma visão muito negativa dos povos indígenas. Neste sentido, tornou-se exemplar a frase de Pero Magalhães Gândavo, que chamou os ameríndios de povos sem Fé, sem Lei e sem Rei.

Uma das características culturais que mais chocaram os europeus na época da colonização foi o canibalismo praticado pelos tupinambás. Lembrando mais uma vez que os povos indígenas não eram todos iguais e possuíam culturas diversificadas. Assim, somente os tupinambás ficaram conhecidos pela prática da antropofagia (consumo de carne humana).



Theodore de Bry. Assando e comendo pedaços do corpo do prisioneiro. Grandes Viagens. 1592.

Segundo os antropólogos, esse canibalismo era uma espécie de exofagia, o que significa que os tupinambás não comiam membros da própria tribo, mas a carne dos seus inimigos. E isto era feito de forma ritualizada e com um determinado objetivo. A carne humana não fazia parte da dieta diária dos tupinambás.

O MITO DO “POVO INDOLENTE”

Uma das muitas construções feitas sobre os povos indígenas foi a ideia de que eram um povo indolente. Dito de forma mais simples, é o preconceito de que os ameríndios eram um povo “preguiçoso” que não gostava de trabalhar. Essa percepção vinha das diferenças entre a cultura indígena, baseada na lógica da subsistência, e a cultura do colonizador, baseada na lógica da acumulação e do lucro.



Além disso, um outro mito projetado sobre os indígenas era o da “inocência”, como se eles fossem eternas crianças que, por isso, não saberiam cuidar de si, necessitando, portanto, da ajuda do colonizador.

Por outro lado, não vendo sentido no trabalho que os portugueses queriam lhes impor, os ameríndios resolveram fugir para a mata como forma de resistência à exploração, o que pode ter reforçado a ideia da indolência.



ESCRAVIZAÇÃO E CATEQUIZAÇÃO

Basicamente, as formas de dominação colonial contra os ameríndios assumiram duas formas: a escravização e a catequização. A justificativa para a primeira eram as chamadas “guerras justas”. A guerra justa ocorria quando os colonizadores combatiam tribos indígenas que os atacavam. Mas a partir do momento em que os europeus eram os invasores das Américas, era natural que os ameríndios procurassem resistir por todos



Ruínas em São Miguel Arcanjo, onde travou-se a Guerra dos Sete Povos das Missões

os meios necessários, incluindo a guerra. Evidentemente, milhões de indígenas foram exterminados nesse processo que atravessou séculos. Neste sentido, uma outra forma de resistência indígena foi o isolamento para o interior. Prova disso é que quando os portugueses chegaram, a maioria dos ameríndios moravam perto do litoral. É somente após o avanço dos portugueses que eles avançam para o interior do território.



Foram feitas muitas guerras contra os indígenas, e algumas foram registradas pela história, como a “Guerra dos Bárbaros”, na Bahia; a “Revolta dos Índios”, no Amazonas; e a “Guerra dos Sete Povos das Missões”, no Rio Grande do Sul, que acabou com a morte de 20 mil indígenas. No caso de Sete Povos das Missões, o conflito ocorreu porque a área onde estavam localizadas as missões (30) era de disputa entre Portugal e Espanha. Quando foi decidido que ela passaria para Portugal, as tropas portuguesas e espanholas tentaram remover os indígenas à força, e assim ocorreu essa guerra.

A catequização funcionava como uma maneira, embora pacífica, de dominação dos indígenas. Neste sentido, os padres jesuítas foram pioneiros na defesa dos ameríndios contra as guerras de extermínio que eram feitas contra eles.



Estes fundaram várias aldeias educacionais que ficaram conhecidas como “reduções jesuíticas”, onde os ameríndios eram catequizados e aprendiam a aceitar a dominação dos europeus através da adoção da cultura e religião do colonizador.

DE PREGUIÇOSO À HERÓI NACIONAL



Durante o Império, como o Brasil já era uma nação independente, buscou-se uma identidade nacional. Os poetas e escritores românticos participaram desse esforço escrevendo livros e versos sobre episódios fundadores da história nacional, como I-Juca-Pirama, de Gonçalves Dias, e O Guarani, de José de Alencar. É no movimento romântico que o índio é eleito o herói nacional, ou em outras palavras, o símbolo da nacionalidade brasileira.



Mas apesar das boas intenções, esse indígena do romantismo era entendido a partir de uma matriz europeia. Os românticos simplesmente pegaram o modelo romântico de herói europeu e lhe deram um nome e aparência indígena, que leva alguns a afirmarem que os personagens indígenas do romantismo são “índios de alma branca”.



O projeto romântico foi abraçado pela autoridade imperial. Prova disso é que mesmo D. Pedro II era frequentemente retratado com elementos indígenas. Como exemplo, podemos citar as penas de papo de tucano compondo a murça do seu traje majestático, como se ele fosse um líder indígena. Ou então uma charge onde D. Pedro II aparece sendo coroado com louros por uma mulher indígena.

NA REPÚBLICA, OS BUGREIROS

Mas apesar dessa visão romântica do indígena, que de certa forma é forte até os dias de hoje, desde meados do Império (1850) até os primeiros anos da República (1914), era comum serem organizadas expedições para o extermínio sistemática dos povos indígenas. E em relação a isso, o Império foi conivente.

O ano de 1850 é altamente emblemático, porque foi o ano em que foi promulgada a Lei de Terras do Império. Segundo ela, teria direito de propriedade a pessoa que pudesse comprar a terra. Sendo assim, várias pessoas que habitavam um determinado território e já possuíam o direito de posse, perderam esse direito do dia para a noite. Isto afetou principalmente os povos indígenas que habitavam nos territórios onde os interesses econômicos tinham necessidade de se expandir.

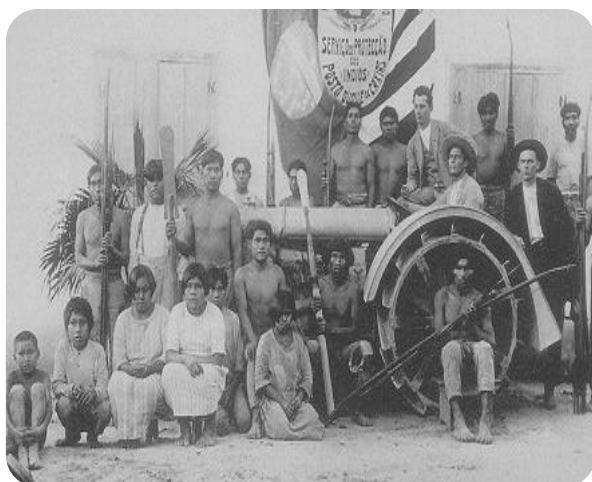


Na região Sul, durante a República, os homens que realizavam expedições de extermínio de povos indígenas ficaram conhecidos como bugreiros. O termo bugres era aplicado aos indígenas não-cristãos que ainda viviam de forma tradicional. Os bugreiros, portanto, eram aqueles que faziam do extermínio dessas populações o seu modo de vida.



EM 1910 SURGIA O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO

A questão indígena no Brasil só viria a renascer após as missões do Marechal Cândido Rondon, que levou linhas de telégrafo para o interior do Brasil. Nas suas jornadas pelo interior do Mato Grosso e da Bacia do Amazonas, Rondon encontrou várias tribos indígenas, mas sempre lidou com elas de forma amistosa, sendo fiel ao seu princípio de “morrer se preciso for, mas matar, nunca!”



Entretanto, o SPI não cumpriu bem a sua missão, e chegou até mesmo a ser acusado de praticar violência contra as populações nativas. Em face de todas essas graves denúncias, o SPI é extinto em 1967, já durante o período da ditadura militar, e em seu lugar é criada a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), que apesar das boas intenções ainda trazia alguns preconceitos. É somente com a nova constituição de 1988 que os índios serão respeitados nas suas especificidades.

VIOLÊNCIA CONTRA INDÍGENAS

Os inúmeros casos de violência que existem hoje contra os indígenas no Brasil são resultado dos embates que ocorrem contra madeireiras, mineradores e agricultores que invadem ilegalmente os territórios indígenas para explorá-los. Evidentemente, as maiores vítimas são os indígenas, que além de serem agredidos nos seus direitos ainda são sistematicamente assassinados desde o começo da colonização europeia no Brasil.

Um dos casos mais cruéis de violência contra um indígena na história recente, aconteceu em 1997 em Brasília, quando um grupo de criminosos jovens resolveu tacar fogo, “só de brincadeira”, num índio que dormia na rua. O nome dele era Galdino Pataxó, era um líder indígena e acabou morrendo em decorrência das queimaduras.





E apesar de todos os avanços legais contidos na Constituição de 1988, que possui um capítulo destinado especialmente aos índios, eles ainda são vistos de forma estereotipada e pouco realista. Mesmo uma comemoração aparentemente inocente, como o Dia do Índio, na verdade impõe uma visão estereotipada sobre os indígenas.

Por outro lado, suas crenças e tradições, reconhecidas pela lei, são ameaçadas pela ação de missionários que fazem hoje a mesma coisa que os jesuítas faziam no passado.

Assim, existe atualmente uma verdadeira “guerra” pelas almas dos indígenas. Guerra essa que em última instância ameaça a existência das culturas e tradições dos povos ameríndios.



Pastor festeja o batismo de indígenas da etnia Xavante no Mato Grosso